Escravos, conquistadores e seus tramados: notas sobre as hierarquias costumeiras de Antigo Regime ao sul dos trópicos (Viamão, meados do século XVIII)

MÁRCIO MUNHOZ BLANCO*

O presente texto integra o primeiro capítulo de minha dissertação de mestrado que se encontra em desenvolvimento. Nas linhas a seguir tratarei sobre as sociabilidades de alguns *conquistadores* da capitania do Rio Grande de São Pedro setecentista através do compadrio de seus escravos, tendo como foco o plantel do capitão de dragões Francisco Pinto Bandeira. Trata-se de um exercício intelectual cujas considerações apresentadas não são conclusões definitivas, mas algumas hipóteses a partir das primeiras análises do material levantado, necessitando de um tratamento mais apurado.

O século XVIII assistiu à expansão portuguesa nas terras do Novo Mundo. Foi nesse período em que as tão sonhadas jazidas de ouro e diamantes foram descobertas. Diversas correntes migratórias se dirigiram para o extremo sul dos domínios lusos na América com vistas nos rebanhos bovinos e cavalares selvagens existentes naquela região; estes animais serviriam de alimento e transporte para as Minas. A partir da década de 1730 famílias oriundas sobretudo de Laguna e de São Paulo começaram a se fixar pelas paragens sulinas, sobretudo na vila de Rio Grande e nos chamados Campos de Viamão. A primeira localidade correspondia às proximidades do presídio Jesus-Maria-José, fortificação militar erguida em 1737 como marco da expansão lusitana para o sul e sede administrativa da capitania; a segunda região era uma vasta porção de terras correspondente ao nordeste do atual Rio Grande do Sul. É esta segunda localidade que serve de palco para a presente comunicação.

Desde cedo a Igreja Católica se fez presente na empreitada lusitana: um ano após a fundação do presídio foi criada a freguesia (ou paróquia) de Rio Grande; nove anos depois foi erguida a capela de Viamão, cuja padroeira foi Nossa Senhora da Conceição. Viamão surgiu como uma freguesia habitada por pessoas vindas de diversas localidades. Embora a maior parte dos migrantes fosse natural de Laguna e freguesias de São Paulo, como foi mencionado, também é possível encontrar sujeitos saídos do Rio de Janeiro e Campos dos Goitacazes, Bahia, Curitiba, Lisboa e outras tantas localidades de Portugal,

além da Colônia de Sacramento.[1] Foram esses homens que se apropriaram das terras e rebanhos, que reivindicaram sesmarias e intitularam-se os "conquistadores" do Rio Grande de São Pedro, trazendo para o sul dos trópicos as insígnias de Antigo Regime que presidiam, há duzentos anos, a colonização dos domínios lusitanos no continente americano.[2]

Dentre os costumes e valores trazidos para o Rio Grande cabe destacar a reciprocidade. Em um artigo preocupado em entender a reciprocidade entre desiguais na região mediterrânica, Giovanni Levi comenta que a equidade é o conceito chave para entender relações antidorais no Antigo Regime. Com base em princípios jurídicos, teológicos e filosóficos, os intercâmbios entre pessoas desiguais deveriam ser medidos de acordo com a qualidade e méritos das ações dos sujeitos em questão. Portanto, cada situação exigiria uma medida própria nas ações que as partes fariam em prol uma da outra. A importância interpretativa do conceito de equidade é tamanha que ele não se restringe ao aspecto jurídico, mas converte-se em um critério de integração e regulação de todos os aspectos sociais e econômicos, abarcando a política de Estado e a política cotidiana (LEVI, 2009: 51-86). Considero essa conceituação uma importante ferramenta para a interpretação das sociabilidades no período de formação do espaço meridional, como mencionarei adiante.

Voltemos á freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão. Entre o fim da década de 1740 e início da seguinte, existiu uma "arrancada" populacional dessa paróquia e diversos fatores podem ter tornado aqueles campos um lugar atraente, como

> *o relativo esvaziamento econômico de Laguna, que provocou a migração de alguns de seus moradores para Viamão; a fundação da vila de Rio Grande, em 1737, ponto de referência para a população portuguesa residente em Viamão que para lá se deslocava para batizar seus filhos, por exemplo; ou ainda a própria dinâmica econômica da região, cada vez mais integrada aos mercados consumidores de gado do Sudeste brasileiro* (KÜHN, 2006: 104).

No ano de 1751, segundo análise de Fábio Kühn, 42,2% da população da freguesia era composta por escravos de origem africana, cifra semelhante àquelas encontradas em zonas de *plantation* ou mineração, mas pouco comum a uma região

---

[1] NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.). *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre-Viamão (século XVIII).*

[2] Sobre a interpretação do período colonial sob a ótica de Antigo Regime, ver: FRAGOSO, João; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. Uma leitura do Brasil colonial: bases da materialidade e da governabilidade no Império. In: *Penélope*, Oeiras, v. 23, 2000.

vinculada ao mercado interno. Em quase 2/3 das residências havia presença de cativos, sendo de 2,5 a média por proprietário; os doze maiores proprietários possuíam uma média de 11 escravos, totalizando quase metade da posse de mão de obra africana na freguesia. Esses números demonstram a alta dispersão e concentração da posse de escravos (KÜHN, 2004: 50-51). O maior proprietário naquele ano era Francisco Pinto Bandeira, com 20 cativos. Este personagem, juntamente com seu plantel, será o eixo desta comunicação.

A arte dos tramados

Nascido por volta de 1701 na vila de Laguna, Santa Catarina, Francisco Pinto Bandeira era filho do reinol José Pinto Bandeira e da mestiça Catarina de Brito, uma das várias filhas bastardas que Francisco de Brito Peixoto, capitão-mor local, tivera com índias carijós. Participou da abertura do "Caminho das tropas", rota terrestre que ligava as terras meridionais a São Paulo e possivelmente foi um dos membros da expedição liderada por seu tio, João de Magalhães, que intentou dar início à povoação no Rio Grande de São Pedro. Foi nomeado Capitão de Ordenanças pela atuação na defesa do cerco à Colônia de Sacramento. Pouco tempo depois da fundação da vila de Rio Grande se casou com Clara Maria de Oliveira, moça distinta filha de Antônio de Souza Fernando, chefe de uma das famílias que repovoaram Sacramento (HAMEISTER & GIL, 2007: 277-278).

Os dados mais remotos que tenho conhecimento sobre o plantel do capitão Pinto Bandeira, ainda na vila de Rio Grande, são sobre o batismo de alguns escravos, sendo uma criança e dois adultos. Estes, provavelmente recém-chegados da África, foram batizados pelo sogro e cunhadas de seu senhor (HAMEISTER, 2006: 307). Em algum momento entre 1743 e 1747 a família de Francisco Pinto Bandeira e sua escravaria se transferiram para Viamão. Na nova localidade, Antônio de Souza Fernando apadrinharia outro cativo de seu genro. Outros dois compadrios dos escravos em questão foram com familiares consangüíneos de seu senhor: o primeiro foi Casemiro[3] e o segundo Rafael,[4]

[3] 1° livro de batismos de Viamão, fl. 94v, 26.12.1750. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*

[4] 1° livro de batismos de Viamão, fl. 112, 27.12.1753. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*

filho primogênito de Francisco que na ocasião contava com 14 anos de idade. De acordo com a análise de Martha Hameister sobre a família em questão, esses compadrios dentro do seio doméstico dos Pinto Bandeira amalgamavam os diferentes estratos conferindo a noção de pertencimento a um corpo social comum (HAMEISTER, 2006: 324-325). Esse amálgama se mostra bem representado através do batismo de Manuel. O pequeno era filho natural da preta Ana e recebeu os santos óleos das mãos de Francisco Manuel de Souza e Távora,[5] um dos concunhados de Francisco Pinto Bandeira. Alguns meses depois, Souza e Távora convidou Francisco para batizar seu filho Manuel.[6]

Os compadrios estabelecidos pelos cativos em questão não se restringiam apenas ao âmbito familiar. No inverno de 1752 a escrava Grácia Benguela batizou sua pequena Jerônima. Para padrinhos foram chamados Jacinto Mateus e sua esposa Isabel Francisca de Bitencurt,[7] um dos tantos casais açorianos trazidos pelo Estado português para povoar a região dos Sete Povos das Missões que acabaram se estabelecendo em Viamão. Anos depois, a mesma escrava convidaria para compadres os pretos forros Antônio Pinto (ex-escravo de Francisco Pinto Bandeira) e sua esposa Maria Pais,[8] moradores da unidade domiciliar vizinha de onde Grácia residia, conforme o rol de confessados daquele ano.[9] Provavelmente tanto o casal de forros quanto os ilhéus acabaram tornando-se clientes da família Pinto Bandeira, denotando a importância estratégica que o parentesco de cativos possuía para o poder senhorial.

O desenho dos parentescos rituais elencados apresenta algumas semelhanças com as sociabilidades investigadas por João Fragoso em freguesias do Rio de Janeiro setecentista, onde descendentes de conquistadores se aparentavam com escravos, forros e demais subalternos a fim de ampliar sua legitimidade social através da produção de dependentes (FRAGOSO, 2010: 243-294; FRAGOSO, 2009: 157-207; FRAGOSO: 2007: 35-120).

Mas nem só de familiares e dependentes era feita a teia de parentescos rituais estabelecidos pelo grupo de escravos pertencentes ao capitão Pinto Bandeira. Entre

---

[5] 1° livro de batismos de Viamão, fl. 18v, 25.07.1750. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*

[6] 1° livro de batismos de Viamão, fl. 21, 21.01.1751. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*

[7] 1° livro de batismos de Viamão, fl.104v, 28.08.1752. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*

[8] 1° livro de batismos de Viamão, fl. 133v, 12.05.1758. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*

[9] AHCMPA- Rol de confessados de Viamão, ano de 1758.

1747 e 1756, apenas dois compadrios foram restritos aos limites da propriedade e um terceiro possuía caráter misto (apenas a madrinha pertencia ao plantel); todas as outras crianças foram batizadas ou por livres (incluindo os mencionados parentes e açorianos) ou por escravos pertencentes a outros proprietários, seguindo a tendência da freguesia (BLANCO, 2011).[10] O compadrio entre escravos é, a rigor, apontado como um laço horizontal de solidariedade entre as partes; porém, o que mais interessa ao presente texto são os senhores dos cativos que estabeleceram compadrio na senzala de Francisco Pinto Bandeira. Os identificados são:

- João Rodrigues Prates, considerado um dos "pioneiros" do Rio Grande, embora não tenha se transferido para Viamão possuía sesmaria naquela localidade. Ocupava o cargo de capitão-mor de Laguna, atuava no comércio de gado e possuía avultado cabedal (KÜHN, 2006: 193-195).
- O padre Thomas Clarque, que pode ser considerado como uma pessoa de importância na freguesia, pois além de ser uma autoridade eclesiástica local, conhecia todos os moradores e era um sujeito estudado num mundo de analfabetos. Sua tarefa de cuidar das almas dos fiéis lhe conferia influência e prestígio e mesmo suas posses materiais não eram pequenas: possuía 10 escravos em 1757.[11]
- Cristóvão da Costa Freire era comissário de mostras do Rio Grande, homem poderoso, agraciado por mercê régia e responsável pela administração das Estâncias Reais do Bojuru e Torotama (HAMEISTER, 2006: 227). Seus cativos Teresa e Sebastião apadrinharam em duas ocasiões crianças de Antônio e Maria, escravos de Francisco Pinto Bandeira.
- Domingos Gomes Ribeiro era um dos homens mais ricos do Rio Grande em meados do XVIII, possuindo duas sesmarias e grande escravaria. Foi vereador em Laguna, capitão da Cavalaria e Ordenanças e tinha contatos comerciais na praça do Rio de Janeiro (HAMEISTER, 2006: 243).

[10] Em outra ocasião apresentei alguns números sobre os batismos de escravos em Viamão entre 1747 e 1759, onde contabilizei que quase 2/3 das crianças escravas tiveram tanto padrinho quanto madrinha livres, e cerca de 10% foram batizados por escravos pertencentes a outros plantéis.

[11] AHCMPA- *Rol de confessados de Viamão, ano de 1757*.

- Jerônimo de Ornelas era sesmeiro em Viamão e também foi um dos pioneiros da capitania sulina, o que lhe garantiu prestígio e fama até os dias atuais. Seus escravos João Angola e a crioula Rita se tornaram compadres de Antônia, a escrava de Francisco Pinto Bandeira comadre de Antônio de Souza Fernando.[12]

Há dois pontos a serem observados nesses compadrios. Primeiro, a união de senzalas através de parentesco ritual era ainda mais densa do que o elencado acima. Um cativo de Cristovão da Costa Freire batizou o filho de um casal de pretos pertencentes a Francisco Xavier de Azambuja.[13] Este era um tropeiro paulista que recebeu sesmaria nos Campos de Viamão, onde fez fortuna; era casado com Rita de Menezes, filha do prestigiado Jerônimo de Ornelas.[14] Azambuja era ainda compadre do pároco Thomas Clarque.[15] Outro enlace envolvia a senzala do poderoso Domingos Gomes Ribeiro, que estava unida por parentesco ritual com a senzala de Francisco Manuel de Souza e Távora, o já mencionado compadre de Francisco Pinto Bandeira.[16] Dentre os nomes citados, três integravam o grupo dos doze maiores proprietários de cativos em Viamão ano de 1751, a saber: Souza e Távora, Ornelas e Azambuja.[17] Observando a posição social dos partícipes desses consórcios, verifica-se um intrincado jogo de poder e hierarquias. Tal retrato se enquadra no que João Fragoso denominou *hierarquia social costumeira*, que consiste na

> *interação de potentados, escravos, forros, índios, ministros da coroa, clérigos etc. Ou seja, sujeitos portadores de orientações valorativas próprias (conforme o grupo, vindos da escravidão africana e da sociedade rural do Velho Mundo) e presentes na Conquista. A materialidade dessas práticas adquiriu a forma de relações de clientela e parentesco consangüíneo e fictício e, entre outros fenômenos, sob a tutela da monarquia, organizou a sociedade americana. [...] Essa hierarquia, entre outros fenômenos, fora gerada pela conquista e pelo idioma das relações de dependência pessoal e do parentesco ritual, sendo realizados não só por europeus vindos do Antigo Regime, mas também por escravos, provenientes das sociedades escravistas da África. Apesar das diferenças entre tais mundos, tinham em comum, por*

[12] 1° livro de batismos de Viamão, fl.104, 13.08.1752. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*
[13] 1° livro de batismos de Viamão, fl. 4v, 08.12.1747. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*
[14] KÜHN, Fábio. *op. cit.*, 2006, p. 218-220.
[15] 1° livro de batismos de Viamão, fl. 34v, 07.07.1753. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*
[16] 1° livro de batismos de Viamão, fl. 104, 20.08.1752. In: NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (coord.) *Projeto resgate de fontes paroquiais*: *Porto Alegre- Viamão (século XVIII).*
[17] AHCMPA- *Rol de confessados de Viamão, ano de 1751.*

> *exemplo, a escravidão e o parentesco. [...] essas categorias, na ausência do senhorio jurisdicional, serviam como ferramentas vitais na organização da vida social da América lusa* (FRAGOSO, 2010: 249)

Segundo aspecto a se observar. Exceto a preta Antônia- que se compadrou com a crioula Rita e João Angola, escravos de Jerônimo de Ornelas- nenhum outro escravo batizou crianças de fora do plantel de Francisco Pinto Bandeira; os cativos dos outros proprietários citados aparecem como padrinhos nas senzalas do dito capitão. Uma representação gráfica demonstraria que o sentido dos batismos tinha como centro a senzala de Francisco Pinto Bandeira. Fragoso considera que tais emaranhados de parentescos entre os diversos estratos sociais poderiam originar uma *casa* senhorial, sem o estatuto legal presente no Velho Mundo, mas como criação das práticas costumeiras americanas. Uma *casa* se caracterizaria pelo compadrio entre senzalas tendo como pano de fundo as alianças de seus proprietários, que por seu turno seriam parentes consangüíneos ou fictícios de uma família senhorial extensa, existindo ainda a figura de um líder (ou *capo*) (FRAGOSO, 2007: 111).

Seria essa rede social uma *casa* senhorial e seu centro (Francisco Pinto Bandeira) o *capo*? Até o presente estágio da pesquisa creio que não, pois mesmo havendo alguns laços de clientela não existe uma hierarquia tão evidente a ponto de haver uma liderança. Esta me parece ser uma característica das *hierarquias costumeiras* ao sul dos trópicos. Devido à efetivação tardia de posse da capitania meridional a formação de sua elite se deu em meados daquele século, enquanto no Rio de Janeiro as principais famílias já mandavam há mais de cem anos; ou seja, na década de 1750 a elite meridional estava se formando, enquanto seus pares fluminenses buscavam se perpetuar no mando local. Em Viamão os lugares sociais estavam ainda sendo estabelecidos. Este "nascimento" dos poderes deve ser pensado como um momento em que se buscava estabilidade, exigindo uma medição rigorosa da equidade das relações sociais, sejam elas com homens da governança, fazendeiros ou escravos. É preciso ressaltar, por fim, que estamos vislumbrando apenas a "ponta de um iceberg", pois a rede de parentescos rituais envolvendo escravos do capitão Pinto Bandeira conta ainda com outras pessoas e não era a única na paróquia de Viamão.

Considerações finais

Confirma-se estudos de outras localidades e temporalidades que afirmam que o caráter das relações senhoriais não era baseado apenas no uso da chibata. Os homens da elite socioeconômica que se formava em Viamão procuraram obter influência, poder de mando e inserção social através dos escravos. A importância dos africanos e seus descendentes não residia apenas na força de trabalho, eles eram também integrantes dos jogos sociais de poder e afinidades. Assim, reproduzia-se o sistema escravista e reiteravam-se hierarquias de Antigo Regime.

Referências bibliográficas

BLANCO, Márcio Munhoz. A senzala em movimento: notas sobre os primórdios da família escrava nos Campos de Viamão (1747- 1758). In: Anais do *V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil meridional*.

FRAGOSO, João. Capitão Manuel Pimenta Sampaio, senhor do engenho do Rio Grande, neto de conquistadores e compadre de João Soares, pardo: notas sobre uma hierarquia social costumeira (Rio de Janeiro, 1700-1760). In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *Na trama das redes: política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 243-294.

_____. O capitão João Pereira Lemos e a parda Maria Sampaio: notas sobre as hierarquias rurais costumeiras no Rio de Janeiro do século XVIII. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (orgs.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 157- 207.

_____. Fidalgos e parentes de pretos: notas sobre a nobreza principal da terra do Rio de Janeiro (1600- 1750). In: FRAGOSO, João; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. *Conquistadores e negociantes: histórias de elites no Antigo Regime nos trópicos. América lusa, séculos XVI a XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 35- 120.

HAMEISTER, Martha Daisson. *Para dar calor á nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir de registros batismais da vila do Rio Grande (1738-1763).* Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Social/ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. [tese de doutorado]

HAMEISTER, Martha Daisson; GIL, Tiago Luís. Fazer-se elite no extremo-Sul do Estado do Brasil: uma obra em três movimentos. Continente do Rio Grande de São Pedro (século XVIII). In: FRAGOSO, João; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de; SAMPAIO, Antônio Carlos Jucá de. *Conquistadores e negociantes: histórias de elites no Antigo Regime nos trópicos. América lusa, séculos XVI a XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 265- 310.

LEVI, Giovanni. Reciprocidade mediterrânea. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (orgs.). *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 51- 86.

KÜHN, Fábio. *Gente da fronteira: família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa - século XVIII.* Niterói: Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, 2006. [tese de doutorado]

_____. Gente da fronteira: sociedade e família no sul da América portuguesa- século XVIII. In: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos. *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p.47- 74.